

COLEÇÃO
FICÇÃO SERIADA

Ligia Prezia Lemos [org.]

Alexandre Tadeu dos Santos
Ana Carolina Maoski
Andrei Maurey
Andreza Almeida dos Santos
Aurora Almeida de Miranda Leão
Betânia Maria Vilas Bôas Barreto
Clarice Greco
Daiana Sigiliano
Gabriela Borges
Gêsa Cavalcanti
Graciela Ramos Barbosa Bechara
Guilherme Moreira Fernandes
João Paulo Hergesel
Lígia Prezia Lemos
Lucas Teixeira Simões Mathias
Luísa Chaves de Melo
Márcio de Oliveira Guerra
Mariana Castro Dias
Natalia dos Santos Machado
Paulo José de Sousa
Raquel Lobão Evangelista
Rogério Ferraraz
Sandra Trabucco Valenzuela
Sarah Emanuelle Marques Pereira
Tarcyanie Cajueiro Santos
Tatiana Helich Lopes
Tcharly Magalhães Briglia
Valmir Moratelli

FICÇÃO SERIADA

ESTUDOS E PESQUISAS

VOLUME 2

PROVOCARE 

© Lígia Prezia Lemos, 2019

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Editoração (Jogo de Palavras): João Paulo Hergesel

Editoração (Provocare): Míriam Cristina Carlos Silva

Colaboração: Érica de Oliveira e Isabella Pichiguelli Reis

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Hohlfeldt (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Arquimedes Pessoni (Universidade Municipal de São Caetano do Sul)

Jorge Miklos (Universidade Paulista)

José Eugenio de Oliveira Menezes (Faculdade Cásper Líbero)

Paulo Celso da Silva (Universidade de Sorocaba)

Rogério Ferraraz (Universidade Anhembi Morumbi)

Valdenise Leziér Martyniuk (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F444 Ficção seriada [recurso eletrônico] : estudos e pesquisas / organizado por Lígia Prezia Lemos. - Alumínio, SP : Jogo de Palavras, 2019. 324 p. : il. ; 4 MB. - (Ficção Seriada ; v.2)

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-80097-15-9 (Ebook)

1. Comunicação. 2. Cultura. 3. Mídia. 4. Audiovisual. 5. Ficção Seriada. I. Título. II. Série.

2019-581

CDD 302.2

CDU 316.77

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Comunicação 302.2
2. Comunicação 316.77

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Jogo de Palavras

CNPJ: 15.042.985/0001-95

Alumínio, SP

Provocare Editora

CNPJ: 08.739.793/0001-77

Votorantim, SP

REPRESENTAÇÕES, CONSUMOS E IDENTIDADES

As novas heroínas: MMA e gênero feminino na telenovela <i>A Força do Querer</i> Tarcyanie Cajueiro Santos	165
Censura à telenovela modernizada: os primeiros atritos com a obra de Janete Clair Guilherme Moreira Fernandes	180
O beijo, este polêmico que incomoda tanto: burburinho nas redes evidencia força da telenovela Graciela Ramos Barbosa Bechara Aurora Almeida de Miranda Leão Márcio de Oliveira Guerra	195
O uso da eletroconvulsoterapia nas narrativas de Walcyr Carrasco: um estudo de <i>Amor à Vida</i> (2013) e <i>O Outro Lado do Paraíso</i> (2017) Ana Carolina Maoski	211
Televisão e ideologia: a violência subjetiva e objetiva na ficção seriada Andrei Maurey	226

FICÇÃO SERIADA EM ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR

A série <i>Dark</i>: aspectos literários e filosóficos na leitura do espaço-tempo Sandra Trabucco Valenzuela	243
<i>Mindhunter</i> e efeito enciclopédia: um estudo da ficção seriada como campo de aprendizado significativo Luísa Chaves de Melo	262
Narrativa e estilo em <i>Rabbits</i> (David Lynch, 2002): por uma análise interpretativa João Paulo Hergesel Rogério Ferraraz	278
Pesquisa em Ficção Seriada: uma proposta de revisão epistemológica baseada nas publicações da Intercom Raquel Lobão Evangelista	290
Risos e provocações no programa <i>Sai de Baixo</i> da TV Globo Clarice Greco Paulo José de Sousa	308
SOBRE OS AUTORES	323

A série *Dark*: aspectos literários e filosóficos na leitura do espaço-tempo

Sandra Trabucco Valenzuela

Dark: elementos da narrativa audiovisual

O tempo imaginário é indistinguível das direções no espaço. Se podemos ir para o norte, podemos dar meia-volta e ir para o sul; da mesma forma, se podemos avançar no tempo imaginário, devemos ser capazes de nos virar e retroceder. Isto significa que não pode haver diferença importante entre ir para a frente e para trás no tempo imaginário. Em contrapartida, quando se olha para o tempo "real", há uma grande diferença entre essas direções, como todo mundo sabe. De onde vem essa diferença entre passado e futuro? Por que nos lembramos do passado e não do futuro?

Stephen W. Hawking, *Uma Breve História do Tempo*
(HAWKING, 2015, p. 180.)

Dark é uma série alemã criada por Baran bo Odar e Jantje Friese, lançada mundialmente no dia 1º de dezembro de 2017 e distribuída pela Netflix. A primeira temporada estrutura-se em dez episódios de 40 minutos, dirigidos por Baran bo Odar. O enredo original aborda o misterioso desaparecimento de garotos na cidade de Winden, em especial, o de Mikkell Nielsen, que desencadeia uma ação policial para tentar trazê-lo de volta.

O piloto da série intitulado "Segredos" ("Geheimnisse") tem início no dia 21 de junho de 2019, numa diegese criada num futuro próximo com relação ao tempo do espectador (se observada a data de lançamento da série em *streaming*, em 1º de dezembro de 2017), numa pequena cidade chamada Winden, situada próximo a uma região de floresta, e que se caracteriza por sediar uma usina de energia nuclear. Nessa data, 21 de junho, dia do solstício de verão no hemisfério norte (dia mais longo e noite mais curta do ano), é que o personagem Michael Kahnwald comete suicídio, deixando uma carta, cujo envelope adverte: "não abrir antes do dia 04 de novembro, às 22h13".

Após a morte de Michael, há uma elipse temporal até o dia 04 de novembro pela manhã, que é marcado por três acontecimentos: retorno de Jonas (filho de Michael) à escola; busca pelo jovem Erick Obendorf, desaparecido há 13 dias, e por fim, mais tarde, ocorre o desaparecimento do garoto Mikkell Nielsen, filho do policial Ulrich Nielsen.

O desaparecimento de Mikkell ocorre quando os jovens Magnus e Martha Nielsen (irmãos de Mikkell), Bartosz Tiedemann, Jonas Kahnwald e Franziska Doppler caminhavam pela floresta em busca de drogas, que teriam sido deixadas pelo garoto desaparecido Erick Obendorf, próximo à

entrada de uma caverna. Depois de ouvirem fortes estrondos provenientes da parte interna da caverna, há uma interferência na energia elétrica que apaga inclusive as lanternas a pilha que os jovens seguravam nas mãos. Sentindo-se observados, todos fogem muito assustados daquele espaço, porém, durante a fuga (minuto 39' do episódio), o garoto Mikkael desaparece. Começa então a busca por Mikkael, que, a exemplo de Erik, sumiu sem deixar qualquer vestígio. O drama da família Nielsen ganha destaque, pois, em 1986, o mesmo drama fora vivido pelo irmão mais novo de Ulrich (pai de Mikkael) que desaparecera de modo semelhante, sem deixar pistas, e nunca mais foi encontrado.

A sequência de desaparecimentos assume contornos de novela policial clássica, caracterizada, de acordo com Cerqueira (2010), dentro do modelo de linha empírica, onde a interpretação dos fatos é sustentada através de mediações técnicas e conceitos científicos, a exemplo das práticas do personagem Sherlock Holmes. A estrutura da trama apresenta um ponto de vista narrativo fora das ações, que busca, juntamente com o receptor, as motivações dos desaparecimentos através de retrospectivas e *flash backs*.

A dupla de policiais, formada por Ulrich Nielsen e Charlotte Doppler, possui caráter bastante diverso: Ulrich é um homem impulsivo, dramático, fisicamente forte, de traços rudes, marcado pela tragédia do desaparecimento do irmão; já Charlotte é uma policial contida, calculista, preocupada com a família, e que desde a infância observa e tenta compreender cientificamente os fenômenos inexplicáveis que ocorrem na cidade, como a morte súbita de aves. O desaparecimento das crianças é um enigma que se soma aos mistérios da cidade.

No entanto, apesar dos elementos de novela policial, acrescentam-se aqui aspectos do gênero de ficção científica, como é o caso de viagens no tempo com a construção e experimento de uma máquina do tempo, além da presença de uma usina nuclear na cidade. Não é tarefa fácil conceituar a ficção científica. Para Levin (2014), é possível classificar de forma ampla dois grandes ramos: ficção científica “dura”, herdeira da obra de Julio Verne, mais preocupado com “os artefatos, as novidades da mecânica e o papel que esta ocuparia no domínio da natureza e seu impacto na conquista de novos territórios” (Levin, 2014); e ficção científica “branda”, ligada às análises das obras de H. G. Wells, cujas preocupações extrapolavam a questão das máquinas para alcançar a sociedade, suas questões sociais e psicológicas.

O espaço distópico para os acontecimentos é a floresta e sua caverna na cidade de Winden. É na mata onde surgem os cadáveres das crianças desaparecidas. Por outro lado, a máquina do tempo é mostrada dentro de um quarto, que vai se modificando de acordo com a diegese

temporal em que se encontra: cores, mobília, sons e imagens tipificam o espaço.

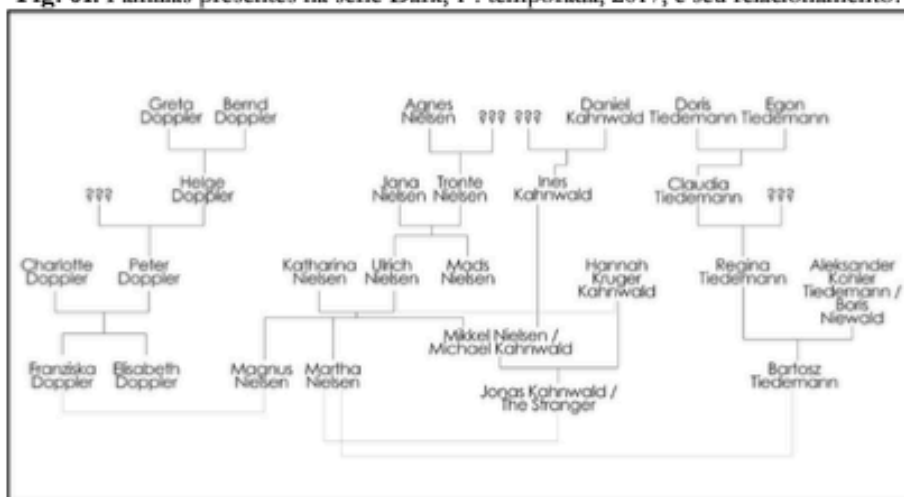
Durante as buscas a Eric e Mikkael, a polícia se depara com o corpo de uma criança que fora abandonado na floresta, com estranhas marcas de queimaduras nos olhos e perfuração dos tímpanos.

Os dois policiais empenham-se em encontrar os meninos, seguindo duas abordagens diferentes: Ulrich vê sua traumática história familiar repetir-se com o próprio filho. Por sua vez, a policial Charlotte Doppler também quer resolver o mistério, porém através das evidências científicas, pistas e levantamento dos fatos ocorridos tanto em 1986 como em 2019.

Logo no início, o receptor é levado a acreditar na culpa de Noah, um personagem misterioso que veste batina escura, e que pode ser visto em diferentes diegeses realizando experimentos inusitados, mantendo, porém, sempre a mesma aparência, sem qualquer sinal de envelhecimento.

A trama da série gira em torno de quatro famílias: Doppler, Nielsen, Kahnwald e Tiedemann, e a relação com Noah, a qual permanece obscura ao longo de toda a primeira temporada. O “novum”, segundo Suvin (1984), que funciona como o elemento que se insere como estranho na dentro da narrativa são os túneis dentro da caverna, bem como a própria máquina do tempo. Ao final da primeira temporada, estes mistérios não são resolvidos, e abrem caminho para a condução da segunda temporada.

Fig. 01: Famílias presentes na série Dark, 1ª. temporada, 2017, e seu relacionamento.



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/59/Darkgen.jpg>. Acesso em: 10 mar. 2019.

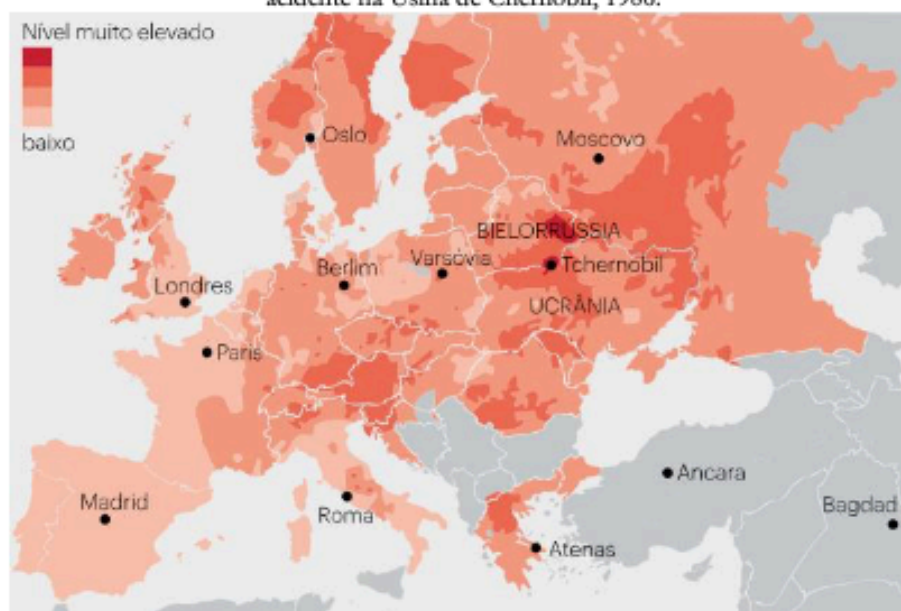
Chernobil e os “stalkers”: entre a realidade e a ficção

Embora exista na Alemanha uma cidade chamada Winden im Elztal, localizada na região de Freiburg, a Winden representada na série é fictícia (*The New York Times*, 23 nov. 2017). Odar e Friese, roteiristas da série, inspiraram-se em suas memórias de infância, para criar o local, caracterizado como uma cidade típica do interior da Alemanha.

No entanto, Odar e Friese resgataram de sua memória o acidente nuclear, ocorrido no dia 26 de abril de 1986, na usina de Chernobil, cidade situada na Ucrânia, antiga União Soviética, para criar a atmosfera sombria da fictícia Winden.

No acidente da usina de Chernobil, a explosão e incêndio das instalações lançaram ao longo de dez dias consecutivos partículas radioativas que se espalharam rapidamente pelos céus da União Soviética e da Europa Ocidental, sendo levadas pelos ventos norte e noroeste, e a seguir pelos ventos de sul e sudeste, devido às condições climáticas. O acidente e a presença de partículas no ar somente chegaram ao conhecimento público, no dia 28 de abril, após a detecção pela Dinamarca de uma elevação dos níveis de radioatividade na região. A Agência de Notícias UPI divulgou apenas no dia 29 de abril o avanço da nuvem de contaminação — que já havia chegado até a Alemanha Ocidental —, informando ainda sobre a preocupação com os resultados de testes realizados com alimentos como leite, devido ao alto nível de iodo presente em consequência da nuvem radioativa (UPI, 29 abril de 1986), responsável pela contaminação de plantações, pastagens e animais de criação. As consequências dessa contaminação ainda podem ser sentidas pelos danos locais a longo prazo, pelas mortes no próprio momento do fato, como também em consequência da radiação, através das pessoas que sofrem de tumores cancerígenos derivados dos altos níveis de radioatividade.

Fig. 02: Mapa da radioatividade em 1986: contaminação com Césio 137 após o acidente na Usina de Chernobyl, 1986.



Fonte: The Guardian. BARATA, Clara. “Tchernobil: Uma reserva natural com uma lixeira nuclear no centro”, Público, 26/04/2016. Disponível em: <https://bit.ly/2FukVGo>.

Em entrevista, Baran bo Odar relatou sua lembrança a respeito: “minha mãe me disse ‘você não pode brincar mais lá fora, especialmente se estiver chovendo, a chuva vai matar você’, ou ‘Você não pode comprar doces naquela loja porque é radioativa’ (The *New York Times*, 23 nov. 2017, tradução nossa). É possível observar em diversos episódios de *Dark*, a presença da chuva castigando a cidade, numa reminiscência da chuva ácida de 1986, provocada pelo acidente nuclear.

Atualmente, aventureiros costumam visitar a chamada “zona de exclusão”, que inclui parte da Ucrânia, Bielorrússia e Rússia, concentrando-se na região dos Pântanos de Pinski, próximo à Represa de Kiev, onde se situa Chernobyl.

Gulnaz Khan, editora da National Geographic sobre efeitos do clima sobre saúde pública e sobre “dark tourism”, destaca em reportagem que, em Chernobyl, 200 toneladas de material radioativo apodrecem sepultadas sob estruturas de aço. A chamada zona de exclusão insere-se num raio de 30 km, constituindo “um mausoléu da loucura tecnológica do homem. [...] Um número cada vez maior de *stalkers* (perseguidores ou

bisbilhoteiros) entra regularmente na zona de forma ilegal” (8 jan. 2018)²²⁸. Na mesma reportagem, Eugene Knyazev comenta a sensação vivenciada pelo *stalker*: “Você se sente como a última pessoa na Terra [...] Você anda por vilarejos, cidades, estradas, todos vazios. É uma sensação mágica.” (8 jan. 2018)²²⁹.

O termo “*stalker*” (do inglês, assediador, perseguidor) aparece pela primeira vez no livro clássico de ficção científica intitulado *Piquenique na Estrada* (1971), de autoria dos irmãos Arkádi e Boris Strugátski²³⁰. Publicado ainda sob o regime da antiga União Soviética, o livro inspirou também o filme *Stalker* (1979) do cineasta russo Andrei Tarkóvski, com roteiro adaptado do livro pelos próprios irmãos Strugátski.

A trama do filme *Stalker* começa na cidade de Harmont, com a visita de extraterrestres que, entretanto, não mantêm contato com os humanos, mas que, antes de partir, deixam uma série de objetos estranhos em áreas que, posteriormente, são cercadas e chamadas de “zonas”, pois começam a ocorrer fenômenos inexplicáveis após a sua partida. Com a proibição da entrada nessas áreas, surgem os *stalkers*, pessoas que invadem as zonas proibidas e buscam objetos deixados pelos ETs para revendê-los no mercado negro. Por serem locais abandonados, tanto o livro como o filme contemplam aspectos distópicos, carregados de mistério e marcados pela destruição. O foco da narrativa concentra-se muito mais na discussão de questões filosóficas do que propriamente em elementos de ficção científica. O abandono dos espaços tocados pelos ETs criam a imagem de “terra devastada”, cujas ruínas constituem uma alegoria da própria condição humana, na qual o homem vaga numa permanente procura por respostas ao desconhecido ou, em outras palavras, numa tentativa de encontrar explicações às perguntas básicas da filosofia: “Quem sou, de onde vim, para onde vou”. Os *stalkers*, por sua vez, são alegorias do Homem, do ser humano que caminha sem destino certo em meio às zonas proibidas, numa busca incessante e infindável.

Com base nesse histórico, no episódio piloto de *Dark*, a emissora de rádio de Winden anuncia:

²²⁸ National Geographic, 08 jan. 2018, disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/viagem-e-aventura/2018/01/veja-fotos-tiradas-em-visitas-ilegais-zona-morta-de-chernobyl> Acesso em 24/jun/2018.

²²⁹ National Geographic, 08 jan. 2018, disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/viagem-e-aventura/2018/01/veja-fotos-tiradas-em-visitas-ilegais-zona-morta-de-chernobyl> Acesso em 24/jun/2018.

²³⁰ STRUGÁTSKI, Arkádi; STRUGÁTSKI, Boris. *Piquenique na Estrada*. Trad. Tatiana Larkina. São Paulo: Aleph, 2012.

A usina nuclear de Winden tem uma história antiga. Projetada no ano de 1953, a construção foi autorizada em 1960, após a Lei de Energia Nuclear. em acordo com a política do governo de desligar as usinas nucleares, a usina de Winden também será desativada em 2020, como uma das usinas alemãs com o menor número de falhas na operação. (Dark, episódio 1, 10'-10'30").

Winden e suas cavernas

O nome escolhido para a cidade fictícia de *Dark* — Winden — significa em alemão o substantivo “vento”, mas também remete aos verbos “contorcer”, “enrolar”, ou ainda, ficar sem ar.²³¹ Desse modo, o paradigma formado pelas ideias de “vento” e “contorção”, neste contexto, reforçam na memória a questão do movimento da nuvem radioativa produzida pelo acidente nuclear e espalhada pelo vento, bem como a estrutura labiríntica da relação temporal proposta pela série.

O espaço geográfico que singulariza Winden é a presença de cavernas, aparentemente extensas, situadas em meio a uma floresta e nas proximidades da usina nuclear.

Simbolicamente, a caverna remete ao Mito da Caverna, no qual Platão figura a situação de ignorância dos homens na Terra: no mito, desde a infância, os homens são mantidos acorrentados no fundo da caverna, sem se mover, sendo que a única coisa que conhecem é a luz indireta que vem do fogo que arde atrás deles e que ilumina as paredes da caverna. Esses homens conheceriam, então, apenas aparências do mundo real. Para conhecer a realidade, será preciso desvencilhar-se das correntes e enfrentar o caminho árduo até a saída da caverna, onde o sol brilhará intensamente, permitindo que a contemplação do verdadeiro mundo das realidades: o mundo das ideias.

Ainda da perspectiva simbólica, a caverna pode ser considerada como “um gigantesco receptáculo de energia, mas de uma energia telúrica e de modo algum celeste. Por isso ela sempre desempenhou [...] um papel nas operações mágicas” (Chevalier; Gheerbrant, p. 214).

Em *Dark*, a caverna é o espaço labiríntico, profundo, telúrico, enigmático, que une e também divide o espaço-tempo, alocando uma fenda espaço-temporal, uma porta de entrada a três épocas: 1953, 1986 e 2019. A caverna esconde uma misteriosa construção, marcada pela presença de uma porta maciça, aparentemente de ferro, que ostenta como símbolo a triquetra.

²³¹ Dicionário reverso, disponível em: <https://dicionario.reverso.net/alemao-portugues/winden> Acesso em 31/maio/2018.

Na primeira temporada, a série apresenta três viajantes que dominam a dimensão temporal: Noah, Jonas e o misterioso Encapuçado, que revelará sua identidade somente ao final da temporada.

O Mistério do Tempo

O episódio piloto da série começa com a epígrafe de Albert Einstein: “A diferença entre passado, presente e futuro é só uma ilusão persistente”. Esse exerto foi extraído de uma carta que Einstein remetera ao filho e à irmã de seu amigo pessoal, o engenheiro Michele Angelo Besso, no dia 21 de março de 1955, em razão de seu falecimento. Na carta, Einstein escreveu:

Agora ele [Michele] partiu deste estranho mundo, um pouco antes de mim. Isso não significa nada... As pessoas como nós, que acreditam na física, sabem que a distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma obstinada e persistente ilusão (ROVELLI, 2018, p. 89, 93).

Logo depois da epígrafe de Einstein, o episódio segue com um discurso proferido por um narrador onisciente, cuja voz é masculina e adulta:

Nós acreditamos que o tempo decorre de forma linear. Que ele avança uniformemente para sempre. Até o infinito. Mas a diferenciação entre presente, passado e futuro não passa de uma ilusão. O ontem, o hoje e o amanhã não se sucedem, mas estão conectados em um círculo infinito. Tudo está conectado. (*Dark*, 2017).

Assim, o conceito de tempo proposto é o da junção espaço-temporal, onde a linearidade desaparece. Segundo o físico teórico italiano Carlo Rovelli (2018), essa forma de pensar a realidade é conhecida como “eternalismo” ou “universo em bloco” — “*block universe*” (Rovelli, 2018, p. 19). A proposição defende a necessidade de se pensar toda a história do universo como um único bloco, real por inteiro, e que a passagem de um momento do tempo ao consecutivo é apenas ilusório.

De acordo com Rovelli, porém, a carta escrita à irmã de Michele Baso não representa de fato o pensamento de Einstein com base na Física; trata-se de uma carta emotiva, enviada aos familiares de seu amigo e que fala não numa linguagem objetiva e precisa da Física, mas sim de uma comunhão espiritual distante de uma análise física do tempo (Rovelli, 2018, p. 93). Rovelli se vale desse argumento para questionar a proposição apresentada na carta pelo próprio Einstein.

As imagens que ilustram a narração desenvolvida até os 90 segundos iniciais do episódio piloto de *Dark* (temporada 1) apresentam todos os personagens principais e suas imagens nos diferentes tempos em que atuam, ou seja, fotos do passado, presente e futuro, todos interligados.

Fig. 03: Fotos de Helge Doppler em 1953, 1986 e 2019, print de vinheta de abertura de *Dark*.



Fonte: *Dark*, temp. 1, ep. 1, print de tela.

A introdução é construída de modo a reiterar a ideia de que tudo está interligado e que o tempo é circular. Para reiterar a ideia, as imagens não seguem um padrão linear, isto é, não há uma sequência fixa na apresentação das fotos: às vezes, a imagem mais antiga está à esquerda, outras à direita ou ocupa o centro da tela, como mostra a Fig. 3, apresentando o personagem Helge Doppler, vivido pelo ator Peter Schneider.

Ao final da introdução, mostram-se todas as fotos interligadas por fios, revelando um labirinto espaço-temporal, fixado em uma parede, o que reforça a ideia de que “tudo está conectado”. Eis aqui mais um aspecto simbólico recorrente: o fio condutor. O fio mítico presente no labirinto de Creta e que guia Teseu para encontrar a saída após a luta contra o Minotauro aparece não só na ligação das fotos, mas também dentro da caverna, marcando o caminho percorrido por Jonas em sua peregrinação espaço-temporal; o fio surge ainda durante a representação teatral em que Martha (irmã de Mikkel) vive a personagem Ariadne, figura mitológica que concebeu a estratégia do fio para trazer de volta do labirinto o seu amado Teseu.

Fig. 04: As fotos interligadas por fios, print de vinheta de abertura de *Dark*.



Fonte: *Dark*, temp. 1, ep. 1, print de tela.

Toda a introdução é fragmentada, não linear, trazendo elementos de épocas diferentes, para a confecção de um tecido aparentemente heterogêneo e desconectado, que atribuem um ar de suspense e mistério.

A seguir, a narrativa aponta o dia 21 de junho de 2019 — o futuro com relação ao público que acompanha o lançamento da série (2017) — e ao momento em que Michael tira a própria vida, enforcando-se. Na mesma cena, há uma nova remissão ao futuro: Michael deixa uma carta, mas que não deve ser aberta antes de 04 de novembro de 2019, às 22h13. A carta foi posta ao lado da foto da família, onde é possível ver Hannah, Jonas e Ines. As fotografias funcionam como pequenos *flashes* congelados no tempo, ou seja, as fotos atualizam uma presença ao capturar um momento breve e instantâneo, eternizando-o: uma presença na ausência, o que lhe atribui também o tom melancólico, o momento fugidio cristalizado.

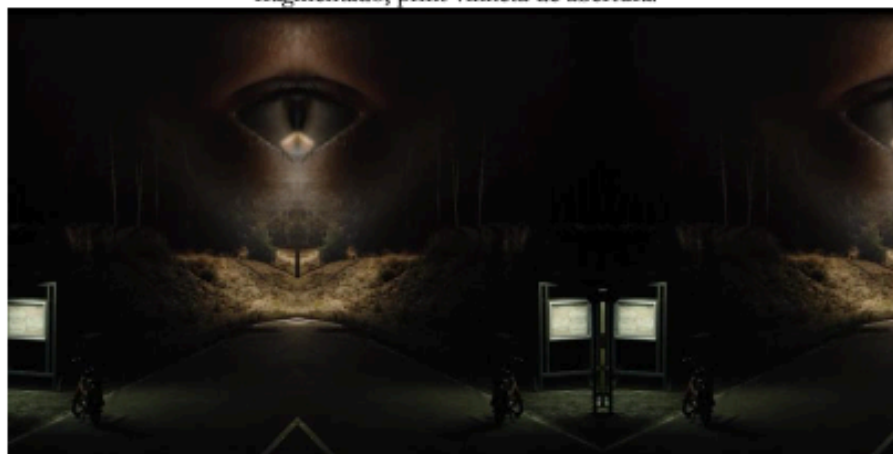
Na sequência, há uma elipse temporal, em que Jonas (filho de Michael) desperta sobressaltado e ofegante em seu quarto, e toma um remédio que está num tubo amarelo. Não há uma informação clara sobre quando se dá esta cena dentro da narrativa, provocando um efeito entrópico quanto à compreensão por parte da audiência. Esta cena parece um fragmento futuro, quando Jonas já sabe sobre a morte do pai e tenta superar uma crise depressiva, mas não é possível precisar quando ela ocorre, ou se é um momento que se reitera no tempo-espaço.

A vinheta da série *Dark* interrompe, nesse momento, o fluxo narrativo, trazendo imagens caleidoscópicas que reforçam o conceito de circularidade temporal, ao multiplicar imagens, fragmentando-as e criando ilusões ópticas. O caleidoscópio é um instrumento óptico, que contém

pequenos fragmentos coloridos e três (ou quatro) espelhos, constituindo um prisma. De acordo com a disposição dos espelhos em ângulos, formam-se composições simétricas diferentes.

Outro recurso utilizado para destacar as três diegeses espaço-temporais da série é a escolha de elementos divididos ou integrados por três partes. Assim, os personagens adquirem também um caráter fragmentado ao estarem inseridos em diegeses diferentes, cuja realidade cultural é claramente diferente em cada uma delas: 1953, período da guerra fria; 1986, desenvolvimento da globalização e pós-Chernobil; 2019, contemporaneidade, com a globalização consolidada e término da guerra fria.

Fig. 05: Imagem com efeito caleidoscópico da estrada noturna sob o olhar fragmentado, print vinheta de abertura.



Fonte: *Dark*, temp. 1, ep. 1, print de tela.

Jonas, caracterizado pelo uso frequente de uma capa de chuva amarela (que remonta à coloração dos ícones relativos à energia nuclear e à radioatividade, que também são amarelos), vê-se muitas vezes confrontado com caminhos tripartidos e, diante deles, deve decidir qual escolher. No entanto, é aos 12 minutos que o episódio piloto fornece sua primeira explicação para os fatos que estão por vir: “A questão não é onde. Mas quando”, afirma Mikkel, durante o café da manhã, ao explicar ao pai o truque de mágico que realiza ao fazer desaparecer o pino sob um copo. Mikkel é o garoto que desaparecerá à noite na caverna de Winden.

Mikkel, no momento em que desapareceu, vestia uma fantasia de esqueleto, a mesma com que tomara café da manhã e fizera o truque de magia para o pai. Na alquimia, o esqueleto representa uma “morte dinâmica, ou melhor, anunciadora e instrumento de uma nova forma de vida; [...]

simboliza o conhecimento daquele que atravessou a fronteira do desconhecido, daquele que, pela morte, penetrou no segredo do além” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 401). Assim, Mikkel é responsável por cruzar o limiar, conhecer o mistério, mas mesmo assim, calar a seu respeito.

Mikkel viu-se forçado a reaprender a viver num mundo que não é seu; o desaparecimento consistiu de fato numa viagem no tempo: ao retornar à Winden de 1986, Mikkel se cala diante daquele fato inusitado, pois seu discurso não se encaixa com os indivíduos daquele espaço-tempo. Ao receber a visita de Noah (que está vestido com o hábito religioso) durante sua internação no hospital, o garoto Mikkel questiona a existência de Deus, exaltando a ciência como sua verdade. Porém, a inadequação de seu discurso naquele contexto, naquela situação, rompe com a fluidez do diálogo: as certezas se esvaem, restando as contradições e, principalmente, a solidão. Esse retorno ao passado determina-lhe uma série de perdas que se perpetuam em sua existência.

Quanto aos personagens da narrativa da série *Dark*, vale dizer que todos vivem dramas ou crises pessoais nas três dinâmicas temporais, nenhum deles é feliz — no sentido mais trivial do termo —, pelo contrário; todos enfrentam profundos problemas existenciais ou de relacionamento; não há qualquer personagem, ao longo da trama, que agregue um alívio emocional capaz de quebrar a tensão. Os personagens não provocam empatia, pois são distantes, isolados, mergulhados em seus próprios problemas e, na maioria das vezes, são frios, egoístas, movidos por interesses pessoais e, em geral, de caráter ambíguo. As crianças, embora mostradas como ingênuas, reproduzem os dramas adultos. O sorriso não sobrevive, como é possível constatar com o desaparecimento de Yasin Frieze, um menino surdo, amiguinho de escola de Elisabeth Doppler. Não há heróis, todos compartilham da mesma condição humana: o drama de conviver num espaço-tempo em que cada indivíduo mantém-se isolado, imbuído num universo egoísta em que o convívio é quase uma carga insustentável, marcada pela amargura. O relacionamento com o outro é sempre um motivo de conflito.

Assim, os personagens são frutos da fragmentação e pluralidade que compõem as marcas da identidade do sujeito pós-moderno: a solidez propiciada pelo pensamento moderno, configurado pelo Iluminismo, desagrega-se na imprecisão das fronteiras globalizadas, na ausência de concretude presente na vida cotidiana, vivida na instabilidade entre o real, o imaginário e o simbólico.

Nas sociedades tradicionais, como defende Giddens (1991), o passado configura uma tradição, que, embora não sendo estática, resiste às

mudanças, reconstruindo-se a cada nova geração: “o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade.” (Giddens, 1991, 38). Em contrapartida, as sociedades, especialmente na chamada “modernidade tardia”, caracterizam-se pela mudança num ritmo constante, rápido e permanente, expostas que estão às conexões virtuais que unem, rompem, assimilam e agregam, ao mesmo tempo, práticas compartilhadas em lastro global.

Ainda no final do episódio piloto, é encontrada a primeira criança morta em circunstâncias misteriosas: tímpanos estourados, olhos aparentemente queimados, fraturas no rosto e no crânio, vestindo roupas da década de 1980. Trata-se do corpo de Mads Nielsen, irmão de Ulrich, desaparecido em 1986.

Fitas de vídeo, fitas de áudio, música dos anos 1980, fotos, moda etc., todos esses elementos compõem a diegese da década de 1980. O 3º episódio começa com a veiculação do vídeo publicitário real do chocolate “Raider”. Vale recordar que o chocolate “Raider” foi criado em 1967 no Reino Unido, pela Mars Inc., porém, nos Estados Unidos, o mesmo produto foi vendido com o nome fantasia “Twix”, nome que prevaleceu, sendo adotado em 1991 e comercializado no mundo todo, tornando-se famoso por ter duas barrinhas unidas no mesmo chocolate. No comercial, é possível observar como recorrência a dualidade, o duplo, assim como a questão do tempo. Quando Mikkel retorna a 1986, a imagem que identifica, ainda do lado de fora da janela daquela que seria sua casa, é a do comercial de Raider.

Retomando o piloto, ao final do episódio, surge um novo mistério: Erik, o rapaz desaparecido, surge na diegese da década de 1980, dentro de um quarto, e aparentemente está servindo de cobaia para um teste. Aos 23 minutos do episódio, Erick surge num quarto, assustado e tapando os ouvidos, assistindo/ouvindo ao videoclipe do grupo inglês new wave Dead or Alive, intitulado “You Spin Me Round (Like a record)”, de 1985²³². No trecho do videoclipe, o cantor (Pete Burns) canta duas estrofes, cuja letra enfatiza a noção de circularidade e vigilância:

I set my sights on you
(And no one else will do)
And I, I've got to have my way now, baby

²³² You Spin Me Round (Like a record), Official Video, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PGNiXGX2nLU>

All I know is that to me
You look like you're havin' fun
Open up your lovin' arms
Watch out, here I come

You spin me right round, baby
Right round like a record, baby
Right round round round
You spin me right round, baby
Right round like a record, baby
Right round round round.

Ao final do episódio, Erik reaparece amordaçado e, desta vez, sendo amarrado a uma cadeira com equipamentos que lembram aparelhos de tortura, mas que podem ser entendidos como equipamentos de teste do funcionamento cerebral. A imagem sai da cena em que Ulrich observa que a criança encontrada morta não é seu filho, fechada com um plano detalhe de um walkman. A música entra antes da imagem, que, em corte seco, vai direto para o novo videoclipe que está sendo assistido por Erick. Assustado e imobilizado ao som da música, Erick, assim como o receptor, é obrigado a ouvir e ver o videoclipe “Irgendwie, Irgendwo, Irgendwann”²³³ (“De alguma forma, em algum lugar, em algum momento”), que foi sucesso na voz da cantora alemã Nena (lançado em 1984), cuja letra revela um futuro inexorável e pouco esperançoso; trata-se de um futuro apocalíptico, que mistura realidade e sonho:

Em queda através do tempo e do espaço
Então despertamos de um sonho
Mas em um piscar de olhos
a noite retorna
De alguma forma, em algum momento
O futuro começa em algum lugar
Não esperarei muito tempo
O amor se cria na coragem
Então não pense duas vezes
Vamos sobre sobre rodas de fogo
Através da noite, em direção ao futuro. (Tradução nossa)

Na primeira temporada, Jonas, caracterizado por uma capa de chuva amarela (coloração dos ícones relativos à energia nuclear), vê-se

²³³ “Irgendwie, Irgendwo, Irgendwann”, de Nena. Disponível em: https://www.youtube.com/embed/oas5nAlfrwg?autoplay=1&rel=0&autohide=2&iv_load_policy=3

muitas vezes confrontado com caminhos tripartidos e, diante deles, deve decidir qual escolher. No 6º episódio da primeira temporada, Jonas entra na caverna, seguindo os sinais, e encontra o portal do tempo, marcado pela simbologia da triqueta (aos 36 minutos do episódio). Jonas ingressa na caverna através de um túnel estreito e escuro que o conduz a uma bifurcação e uma nova porta: uma é a porta para o passado e a outra, para o futuro.

A triqueta é considerada um símbolo celta, no entanto, esse mesmo símbolo também já foi encontrado em desenhos japoneses e runas germânicas. Entendida como a interconexão e a interpenetração dos níveis Físico, Mental e Espiritual, a triqueta é uma representação da eternidade, um símbolo de proteção. Como simbologia cristã, a triqueta representa a Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito. Na série, a triqueta funciona ainda como um símbolo da interconexão entre passado, presente e futuro.

Fig. 06: Triqueta.



O portal que separa os tempos dentro da caverna funciona de acordo com o que o físico britânico Stephen Hawking chamou de “buracos de minhoca” (Hawking, 2015). Para Hawking, “buracos de minhoca” poderiam produzir buracos no espaço-tempo, que desembocam num ponto diferente do mesmo Universo, e criariam esse túnel, capaz de levar o indivíduo ao passado, presente e futuro.

Como em outras produções culturais (livros, filmes, séries e outros), a série *Dark* também destaca o problema de interferir e modificar o passado, colocando em xeque a própria existência do personagem, tal como ocorre em outros filmes do gênero, como na trilogia *De volta para o Futuro* (Zemickis, 1985): na medida em que os pais de Marty (jovem viajante do tempo) se separam, as imagens de Marty nos retratos também desaparecem, pois sua existência estaria comprometida devido a uma mudança nos acontecimentos passados e o novo rumo tomado pela história alteraria o destino de todos.

O jovem Jonas toma para si a missão de fechar o buraco de minhoca e retomar o curso linear do tempo. Para completar sua missão, Jonas se torna um viajante do tempo-espaço, disposto a acabar com a fragmentação produzida pelos fragmentos temporais que dividem Winden.

Assim como o espaço-tempo, os personagens da série *Dark* são construídos sob a égide da fragmentação. O paradigma da crise de identidade, insegurança e medo imprime-se nos personagens na forma de solidão, angústia e descaminho: não há perspectivas, não há esperanças, não há estímulos capazes de superar o abismo cíclico em que se encontram. Os personagens encontram-se emaranhados num labirinto espaço-temporal e sentem-se incapazes de reagir.

O passado retorna, trazendo novamente o espectro da guerra, seja uma guerra travada por soldados e armas, seja através da violência dos experimentos científicos ou da repressão psicológica. A cidade de Winden, por sua vez, parece não ter um passado longínquo ou tradições: tudo parece girar em torno do progresso gerado pelas instalações nucleares na cidade; os personagens parecem resultar justamente dessa aproximação com a tecnologia.

As citações presentes na série, advindas de Goethe, Hugo von Hofmannsthal e Shakespeare tornam-se um desafio que enriquece ainda mais a narrativa. Goethe, em seu *Afinidades Eletivas*, publicado em 1809, conta a história de quatro pessoas que passavam uma temporada numa mansão rural e que mantêm um conflito entre paixão e razão, que as leva ao caos e, por fim, a um final trágico. Goethe propõe ao leitor a análise do comportamento das personagens, entendendo-os como um experimento químico, um estudo das ações e reações, a abordagem das afinidades entre elementos:

Imaginem um A intimamente ligado a um B e incapaz de se separar dele, nem pela força; suponham um C que esteja na mesma situação com um D; coloquem então os dois pares em contato; A atirar-se-á para D, e C para B, sem que se possa afirmar quem abandonou quem e uniu-se ao outro primeiro (Goethe, 2008, 47).

O 8º episódio de *Dark* propõe como epígrafe de abertura, a frase extraída da última peça teatral escrita por Shakespeare, *A tempestade*: “O inferno está vazio e os demônios estão todos aqui” (“Hell is empty and all the devils are here”) (Shakespeare, 2002, p. 21); na peça, a expressão é pronunciada por Ariel em diálogo com Próspero. Jogos de interesse, traições e a manipulação são alguns dos temas abordados na obra, que propõe uma magia (racional) contra uma bruxaria destrutiva como elementos opostos. Este 8º episódio de *Dark* intitulado “Você colhe o que

planta”, se inicia com a presença de duas crianças mortas (Erick e Yasin), que são encontrados sobre um amontoado de areia da construção da usina, na década de 1950. Ainda no episódio, Ulrich segue o fio através da caverna e consegue viajar pelo tempo, abrindo a porta maciça até atingir a década de 1950. Como em *A Tempestade*, do bardo, a dualidade é a tônica do episódio, bem como o livre arbítrio.

De H. G. Wells, *A máquina do tempo*, é uma obra de ficção científica que apresenta um viajante do tempo responsável pela construção de uma máquina capaz de transportá-lo ao passado e ao futuro. Em *Dark*, a máquina existe e recorda o “criptex” de Wells: com formato cilíndrico, destina-se a esconder uma mensagem e, se forçado, pode-se quebrar, causando a perda da informação nele contida. Em *Dark*, o relojoeiro H. G. Thannhaus (cujo nome remete ao escritor H. G. Wells) é o autor do livro intitulado *Uma Viagem através do Tempo (Eine Reise durch die Zeit)*, no qual traça uma teoria sobre viagens no tempo, com base na teoria de Einstein-Rosen e os buracos de minhoca. Ulrich acha o livro em 2019 e o entrega ao relojoeiro em 1953, ao fazer sua jornada ao passado em busca do filho.

Considerações finais

Dark conta com um enredo de estrutura não linear, desafiando a armar a narrativa, como num jogo que vai-se abrindo e levando o receptor a seguir a linha do labirinto. Os personagens são construídos a partir de sua fragmentação entre passado, presente e futuro.

Através de uma máquina, o principal desafio que se impõe é o de dominar as viagens no tempo, unindo, para isso, ciência iluminista e fé religiosa, pois, aquele que alcançar esse objetivo, conquistará em consequência atributos deíficos. Noah e Tannhaus representam, respectivamente, a dualidade fé e ciência. No 3º episódio, intitulado “Passado e Presente”, ocorre a estranha morte de 33 ovelhas que estavam, no dia anterior, segundo seu dono, “saltitantes”. O pastor das ovelhas mortas sem qualquer sinal de violência cita o Evangelho para tentar encontrar uma explicação para o fato: “Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo.” (Marcos 13:33). Questionado pelo policial que atendia o caso, o pastor das ovelhas afirma que passou a frequentar a igreja após a chegada do novo pastor da comunidade: trata-se de Noah.

Dark, em sua primeira temporada, constrói três diegeses diferentes, cada qual revela a condição humana, suas aflições, dramas, medos e carências e a questão: o que é o tempo, como controlá-lo e como é possível viajar através dele, controlando e superando o limiar da morte. Cabe, a quem controlar o tempo, o poder divino de manipular a vida e a morte.

Esse é, provavelmente, o poder supremo desejado por Noah através de seus experimentos: tornar-se um deus.

A diegese de 1953 é dominada por imagens que remontam à 2ª. Guerra, como a presença de soldados, bunkers e a construção da usina nuclear. A diegese de 1986 é marcada pela presença dos meios de comunicação, especialmente a TV, e produtos de consumo, como a barra de chocolate “Raider”, que funciona como marca temporal, bem como os videoclipes “Irgendwie, Irgendwo, Irgendwann” (“De alguma forma, em algum lugar, em algum momento”), interpretado pela cantora alemã Nena, e “You spin Me Round (Like a record)”, com música assinada e interpretada pelo grupo inglês Dead or Alive, ambos gravados em 1984.

A inserção de um comercial e de videoclipes reais na série constitui um recurso que além de trazer a marca evidente do processo de globalização através dos meios durante a década de 1980, funciona como um apelo à memória da audiência de *Dark* e que viveu na década de 1980. Este recurso atua como um gatilho que traz à mente uma época vivida, real, deixando de lado a ficção. O receptor embarca na jornada ao passado, embalado pelas imagens, sons, texturas e sabores, sentindo-se, também ele, um viajante, um peregrino no fluxo temporal.

Ao final da 1ª. temporada, Jonas surge numa Winden do futuro (numa quarta diegese), num cenário de terra devastada, a ser desvendado na 2ª. temporada que irá ao ar em 2019.

REFERÊNCIAS

- BARATA, Clara. “Tchernobil: Uma reserva natural com uma lixeira nuclear no centro”, *Público*, 26/04/2016. Disponível em: <https://bit.ly/2FukVGo>
- CERQUEIRO, Diana. Sobre la novela policíaca. In: *Ángulo Recto*. Revista de estudios sobre la ciudad como espacio plural, vol. 2, núm. 1. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/angulo/volumen/Volumen02-1/varia01.htm> Acesso em 11/03/2019.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. 20ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- D/ARK*. Alemanha: Netflix, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80100172> Acesso em 11/03/2019.
- DEAD OR ALIVE. “You spin Me Round (Like a record)”, in: *Youthquake*, 1985. Oficial Video, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PGNiXGX2nLU> Acesso em 25/03/2019.
- GIDDENS, Antony. *As consequências da Modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.
- GOETHE, J. W. von. *Afinidades Eletivas*. Trad. Erlon J. Paschoal São Paulo: Nova Alexandria, 2008.
- HAWKING, Stephen. *Uma breve história do tempo*. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

- LEVIN, Luciano. Tudo é ficção científica. Trad. Simone Pallone. In: *Revista Eletrônica de Jornalismo científico SBPC*, ComCiência. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=101&id=1238> Acesso em 11/03/2019.
- NATIONAL GEOGRAPHIC, 08 jan. 2018, disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/viagem-e-aventura/2018/01/veja-fotos-tiradas-em-visitas-ilegais-zona-morta-de-chernobyl> Acesso em 24/jun/2018.
- NENA. “Irgendwie, Irgendwo, Irgendwann”. Compositores: Jörn-Uwe Fahrenkrog-Petersen, Carlo Karges. SME/WGM/EMI/SONY, 1984. Disponível em: https://www.youtube.com/embed/oas5nAlfrwg?autoplay=1&rel=0&autohide=2&iv_load_policy=3 Acesso em 25/03/2019.
- ROVELLI, Carlo. *A ordem do tempo*. Trad. Silvana Cobucci. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*. Trad. Beatriz Viégas-Farias. Porto Alegre: L&P, 2002.
- STRUGÁTSKI, Arkádi; STRUGÁTSKI, Boris. *Piquenique na Estrada*. Trad. Tatiana Larkina. São Paulo: Aleph, 2012.
- SUVIN, Darko. *Metamorfosis de la ciencia ficción*. Sobre la poética y la historia de un género literario. México, DF: FCE, 1984.
- THE NEW YORK TIMES. 23 nov. 2017. “With Dark, a German Netflix Series, Streaming Crosses a New Border”. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/11/23/arts/television/dark-a-german-netflix-series.html> Acesso em 04 jun. 2018.
- UPI-ARCHIVES. 29 abr 1986. Scientists kept close watch Tuesday on radiation levels from Chernobil. Disponível em: <https://www.upi.com/Archives/1986/04/29/Scientists-kept-close-watch-Tuesday-on-radiation-levels-from/1572515131200/> Acesso em 03 jun. 2018.